

**AS NOVAS GUERRAS SEXUAIS:
DIFERENÇA, PODER RELIGIOSO E IDENTIDADES LGBT NO
BRASIL**

Brendhon Andrade Oliveira¹

254

O livro *As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil*, dos autores Marcelo Natividade e Leandro de Oliveira, publicado pela editora Garamond em 2013, é resultado de uma pesquisa antropológica que buscou identificar no contexto nacional os pontos em que se travam a guerra em torno das diferenças sexuais. Em 2007, o Ministério da Saúde lançou um Edital de pesquisas sobre homofobia e violência contra gays e outros homens que fazem sexo com homens (HSH), lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Nele havia uma linha direcionada aos estudos sobre percepções e atuações de diferentes correntes religiosas no Brasil sobre a população LGBT, sendo, portanto, a pesquisa do livro advinda do interesse d@s pesquisador@s na participação desse processo. Assim sendo, os resultados encontrados possibilitam uma análise precisa da relação existente entre os campos religiosos em suas multiplicidades discursivas frente à diversidade sexual. Visto isso, passa-se aos comentários sobre os nove capítulos que compõe o livro.

Os caminhos metodológicos, primeiro capítulo, buscou evidenciar as diversas técnicas qualitativas empregadas na pesquisa. Na primeira etapa da pesquisa utilizou-se de levantamento e revisão bibliográficos que examinaram as produções referentes ao tema da obra. Realizaram, também, pesquisa documental em sites, blogs e páginas oficiais disponíveis na internet de iniciativas religiosas, que possibilitaram o entendimento etnográfico a respeito da cidadania e direitos LGBT na esfera pública e as

¹ Mestrando em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso (PPGD/UFMT) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduado em Direito pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). andradebrendhon@gmail.com

manifestações religiosas por sua vez. Por fim, descreveram o processo da coleta de entrevistas entre lideranças e fiéis, bem como as observações etnográficas de eventos religiosos voltados para questão da sexualidade em igrejas inclusivas.

O Capítulo 2, *Diversidade sexual e religião: a construção de um problema*, objetiva discutir a literatura acadêmica sobre a relação entre diversidade sexual e religião. A revisão bibliográfica identificou a existência de maiores produções acadêmicas envolvendo orientação sexual e religião voltados à homossexualidade masculina e aos cultos afro-brasileiros, denotando ainda uma maior afeição dessa expressão religiosa à diversidade sexual em detrimento aos cultos cristãos, de modo geral. Já com a revisão dos estudos sobre direitos de pessoas LGBT perceberam a organização de grupos religiosos conservadores cristãos católicos e evangélicos e como eles têm atuado pela obstrução de direitos da população não heterossexual. Em relação ao HIV/Aids, devido a não incidência inicial na população heterossexual, verificou-se a estratégia discursiva religiosa em apontar a doença como um castigo divino.

Diferenças indesejáveis: reinventando a “ameaça homossexual” em tempos de cidadania LGBT é o terceiro capítulo da obra. Por meio de material coletado por textos, falas e discursos no mapeamento da mídia impressa e sites religiosos, o capítulo analisa discursos de atores e instituições cristãs na esfera pública sobre diversidade sexual. Primeiramente os autores buscaram constituir um conceito de homofobia, no qual apresentam o conceito de homofobia religiosa, que pode ser compreendido como um conjunto heterogêneo de práticas e discursos baseados em valores religiosos que operam por diversas formas na desqualificação e controle da diversidade sexual. Logo após, os pesquisadores buscaram analisar o conservadorismo evangélico identificando dois pontos centrais, sendo o primeiro a compreensão dos direitos através de uma perspectiva divina em que “Deus” já teria legislado, ou seja, compreende os direitos no campo religioso e não no civil, como no caso do casamento. A segunda é a utilização de pânico morais, que mobilizam o senso comum através da incitação do medo trazendo argumento da existência de alianças entre o Estado e sociedade civil LGBT para dissolução dos valores cristãos, apontando a existência de cristofobia e a criminalização do cristianismo, heterofobia e o fim da família tradicional brasileira. Em seguida, os autores se dedicaram ao conservadorismo católico a partir da observação de muitos

pontos de contato com valores e práticas sociais do campo evangélico, corroborando para compreensão de valores de um campo comum, sendo ele “cristão”. Por fim, sobre a ameaça homossexual, o avanço de direitos de homossexuais é compreendido como violação dos direitos das pessoas religiosas e às vezes visto como forma de perseguição e intolerância religiosa. Dessa forma, os religiosos seriam os representantes de Cristo, da verdade, do bom exemplo e da moral, enquanto que homossexuais seriam agentes da corrupção moral, degenerados e à serviço do inimigo demoníaco e devem ser corrigidos.

Contra o monopólio heterossexista do poder religioso: grupos e igrejas inclusivas é o tema do quarto capítulo. O objetivo deste capítulo busca focalizar as igrejas inclusivas evidenciando um pentecostalismo inclusivo que almejam uma mediação entre a dissidência e o universo religioso. A partir dos dados da esfera pública, os autores apontam que essas iniciativas demonstram a emergência da questão gay no campo religioso por intermédio de uma nova interpretação dos preceitos bíblicos, compreendendo uma pedagogia da aceitação e reafirmação de uma identidade gay evangélica. Os dados da etnografia em cultos e eventos revelaram uma diversidade de discursos que abarcam mediações, rupturas, continuidades e novas construções. Segundo os autores, as falas realçam um ressignificado da diversidade sexual em contraposição ao discurso convencional ao passo que demarcam continuidades e mediações, tendo em vista que as igrejas inclusivas possuem limites na aceitação da sexualidade, podendo, portanto, recair em outros estigmas e preconceitos.

O capítulo quinto foi intitulado “*Nós amamos os homossexuais*”: *algumas perspectivas pastorais de “acolhimento” a pessoa LGBT*. O cerne do capítulo intenta refletir acerca do discurso sobre “acolhimento”, sobretudo nos segmentos conservadores, para gays e lésbicas como artifício da regulação da sexualidade. O autor sintetiza essa prática na frase “repudiamos o pecado, mas acolhemos o pecador”, o que denota que esse acolhimento busca em verdade a transformação, colocando a figura do “ex-homossexual” em patamar de superioridade moral, reiterando, por sua vez, a inferioridade de quem permaneceria no pecado homossexual. Conforme a leitura, essa prática da homofobia se difere daquelas que operam por meio de agressões físicas e verbais, tendo como estratégia no campo higienizador, reforçando a normalidade

heterossexual enquanto desqualifica as sexualidades indesejáveis, o que denota, por fim, uma resistência às transformações contemporâneas.

O poder religioso e as pessoas LGBT, o sexto capítulo, ao se utilizar de entrevistas evidencia que a socialização cristã intensifica tensões e dilemas interiores acerca do exercício da sexualidade compreendido na indesejabilidade, e mesmo considerando a diversidade e distintos marcadores sociais dos/as entrevistados/as, as narrativas se assemelham em torno de um núcleo de situações estigmatizadoras na experiência religiosa de origem. Num primeiro momento, o texto aborda o tema da “discrição e silêncio”, considerando que as tensões são mais evidentes no contexto religioso para aqueles/as que têm sua sexualidade mais visível. A partir das entrevistas os autores identificaram que o exercício da homossexualidade era associado ao rompimento com a religião originária, na qual as sanções institucionais e exortações morais se emergem, ou seja, a transgressão gera advertências e prescrições de comportamento. Nesse sentido, aponta-se a desqualificação da homossexualidade nas igrejas, onde frequentemente se evoca a ideia de que homossexuais, devido sua vida pecadora, serão castigados à perdição eterna. Os relatos, sobretudo de origem religiosa evangélica, revelam plúrimas situações que deflagram na percepção negativa de si, demonstrando os impactos negativos que o poder religioso exerce sobre a subjetividade, cabendo mencionar aqui que inclui declarações a respeito do suicídio, que fora reportado na fala de cinco dos trinta e cinco entrevistados/as.

O sétimo capítulo, *Deus “transforma” ou Deus “aceita”?* *Negociações e mediações na passagem às igrejas inclusivas*, caminha no sentido de examinar os dilemas na constituição da identidade LGBT que são vivenciados em contextos religiosos que expressam mediações ou tensões tendo como paradigma os polos da transformação e aceitação. A igreja inclusiva assume um local alternativo para os sujeitos que buscam a conciliação entre prática homossexual e vida cristã, em contraposição às igrejas convencionais. O autor identifica que a pluralidade na condução das igrejas inclusivas assume dois direcionamentos: (a) de um lado, a origem pentecostal focaliza em condutas sexuais e códigos de santidade que aproxima a homossexualidade do exercício religioso, enquanto (b) de outro, cujo perfil é mais histórico, enfatiza discursos políticos-teológicos na transformação de LGBT na luta contra homofobia

religiosa. A aceitação aqui assume uma posição fundamental, tendo em vista que ressignifica a homossexualidade e se circunscreve nas relações familiares e com a própria pessoa, onde os autores perceberão isso como uma reelaboração de si condicionada a pedagogia da aceitação efetuada pelas igrejas inclusivas, apresentando justificações religiosas para as identidades sexuais dissidentes. Um dado importante apontando quanto ao ingresso em grupo inclusivo, cuja recorrência aparece em LGBT socializados em paradigmas religiosos conservadores. Concluem os autores que essas releituras bíblicas, naturalizantes da homossexualidade, passam a cooptar aqueles/as LGBT cuja adesão religiosa se apresenta de forma essencial na vida, bem como também corroboram com uma construção positiva da sexualidade e de si.

Convenções culturais, relações familiares e orientação sexual é o tema do oitavo capítulo, cujo objetivo é introduzir na análise as perspectivas percebidas através de distintos atores, dos quais a maior parte são mulheres que frequentavam os cultos inclusivos e se identificavam como mães de fiéis homossexuais. A relação entre homossexualidade e família é marcada pela tensão, onde as narrativas mostraram dilemas e obstáculos imbricados na relação entre LGBT e seus familiares comportando reações diversas, como sujeição, negociação, rompimento e exclusões veladas. O pertencimento ao grupo religioso inclusive assume a forma de mediação dos conflitos familiares, onde novos discursos caminham no sentido emocional do perdão aos cristãos que condenam a prática homossexual alimentando a esperança de que seus familiares possam repensar suas posições de que a homossexualidade é um pecado. A análise denota ainda duas perspectivas discursivas das mães dos homossexuais, sendo uma a percepção da homossexualidade como característica imutável (mais recorrente entre passagens pelo catolicismo), e a outra da homossexualidade como influência demoníaca, como forma de pecado (mais evidente em passagens pelo pentecostalismo). Assim, denota ainda como as mudanças sociais são percebidas a partir de diferentes experiências e perspectivas religiosas.

À guisa de conclusão, compreendem os autores que a os estigmas contra a população LGBT são marcados também pelo gênero, classe social, geração, entre outros. A proposta do livro era identificar tendências hegemônicas e contra-hegemônicas a respeito da homossexualidade, buscando focalizar naquelas que tentam a conciliação

entre exercícios da sexualidade e religiosidade. Prevalece no contexto brasileiro os discursos conservadores, enquanto os destoantes integram o discurso inclusivo evidenciando uma mudança de perspectiva cultural onde as minorias sexuais podem tomar para si o exercício da religiosidade. Conclui-se, ainda, que os discursos que conjugam religião e heterossexismo geram obstrução de direitos e potencializam as diversas vulnerabilidades da população LGBT. Nesse sentido, destaca-se a seguinte passagem do texto para fins de reflexão:

Compreende a religião como produtora de solidariedade, sentimentos de pertencimento e coesão social, mas também como esfera da vida social perpassada pelos conflitos, tensões, ambiguidade e ambivalências, expressivas de relações de poder e lutas políticas. A consciência de que estamos diante da construção de um novo problema social, a homofobia, leva à reflexão de que muito ainda deve ser feito para desvelar lógicas opressoras no atual contexto brasileiro, muitas vezes maquiadas sob o véu da bondade e do cuidado.

Referências

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. As Novas Guerras Sexuais: Diferença, Poder Religioso e Identidades LGBT no Brasil. 1ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

Recebido em: 01/05/2019

Aceito em: 30/05/2019